

tempestade de guerra
parte dois
victoria aveyard

Tradução de Teresa Martins de Carvalho



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

aos meus pais, aos meus amigos, a mim, e a vocês



A

127

B

122

C

117

D

112

E

107

F

102

C

70

1

60

2

50

3

40

4

30

5

20

6

10

7

A

117

B

112

C

107

D

102

E

97

F

92

C

Rio Mizoura

Rio Paraiso

MONTFORT

Rio dos Canions

Os Portões Pintados

Ascendant

Vale

PRAIRIE

Rio Crane

Rio Arca

Vigia

Rio Roja

Rio Brazos

Cuatracastela

Taurine

Lasmaderas

Rio Sabinas

Mizostium

Rapideso

Ilha de Res

Geminas

Damon

Mizoura

Sanctum

Memphia

Mar de

LAVIA

O Rio Grande

Rio Ilha



97

H

92

I

87

J

82

K

77

L

72

M

70

1

60

2

50

3

40

4

30

5

20

6

10

7

87

H

82

I

77

J

72

K

67

L

62

M

CAPÍTULO VINTE



Mare

*O*s quilómetros são poucos, mas parecem não ter fim. Mantenho-me agarrada ao manípulo da porta, pronta a saltar para fora no segundo em que rolarmos na Via Portuária, as rodas girando debaixo de nós. Somos apenas eu, os eletrícões e o nosso motorista. Até mesmo Ella está em silêncio, olhando pela janela para o céu que escurece. O fumo de New Town dá lugar a nuvens negras e acres à medida que mais nos aproximamos de Harbor Bay. A princípio sinto-me grata por não ter de falar com ninguém. Mas à medida que os minutos se escoam, o silêncio faz-se mais denso, pesado, exercendo pressão em mim. Torna difícil pensar em qualquer outra coisa que não a cidade lá adiante e a batalha que lá se trava. À distância, o horizonte parece arder.

A minha mente gira, preenchendo os vazios do que porventura encontraremos. Cada cenário é pior que o último. Rendição. Derrota. Farley morrendo. Tiberias pálido e a sangrar, o seu sangue um halo de prata.

Da última vez que estive em Harbor Bay, viajei através de túneis e vielas. Não rasguei as ruas num transporte militar, escoltada como alguma espécie de dignitário ou nobre. Mal reconheço o local.

Conto com oposição quando rolamos pela cidade dentro, mas as linhas de batalha estão mais longe do que eu pensei. As ruas estão amplamente vazias de tudo que não soldados. Todos nossos, marchando para os seus postos ou fazendo as suas patrulhas. Por uma ou duas vezes, avisto um contingente de soldados da coligação flanqueando prisioneiros. Prateados algemados com ferro, sendo conduzidos seja para onde for que os mantemos.

Ordens de Davidson, assumo eu. Ele sabe qual a melhor forma de potencializar prisioneiros.

O transporte inclina-se debaixo de mim, iniciando a suave descida para a baía.

— A coligação está a formar à beira-mar, fortificando a nossa posição antes que eles tentem invadir de volta o forte — grita-nos o nosso condutor lá da frente. Um rádio no seu painel guincha sobretudo estática, mas uma miscelânea de palavras passa. Ele transmite o que pode. — Parece que a Frota Aérea está a suster os jatos de Nortá no mar ao largo, e que estamos a fazer o que podemos para tomar os couraçados na baía, mas há navios Lakelander no horizonte.

Do meu outro lado, Rafe pragueja em surdina. — Bem fora de alcance — resmunga baixinho.

— Deixa-me ser eu a julgar isso — replica Ella severamente, ainda à janela.

Tyton está reclinado no assento, de lábios franzidos. — Então temos a cidade em nossa posse. Por agora.

— Parece que sim — replico, ainda cauta como sempre.

O transporte rola adiante, passando por edifícios maiores e lugares aparentemente mais importantes. O meu corpo está tenso como um arame enroscado, pronto a reagir se esta calma for simplesmente uma armadilha. Um subterfúgio para engodar Tiberias e os outros a uma falsa sensação de segurança. Mantenho os dentes bem cerrados e a sensação de relampejar à mão. Os meus companheiros eletrícões fazem o mesmo, cada um deles rígido e pronto a lutar.

As águas revoltas da baía lampejam ao fundo da rua, para lá de uma precipitada turba de soldados. Parece que uma tempestade acabou mesmo de passar. Todas as superfícies estão molhadas, e nuvens cinzentas-escuras rompem o céu lá no alto, sopradas por um furioso vendaval. As ondas lambem a linha costeira recurvada, ainda encrespadas de espuma branca como a superfície de um tacho a ferver ao lume. Posso ver agora que, ao largo na baía, Fort Patriot está feito numa ruína, uma metade meio inundada, a outra meio a arder. Posso sentir-lhe o cheiro, mesmo através da água. A ponte para o forte está igualmente obliterada, com troços tomados pelo mar.

A minha testa toca o vidro da janela enquanto me esforço por ver melhor. Os nossos soldados afadigam-se a limpar destroços, construir muralhas improvisadas ou posicionar metralhadoras. Busco as suas fileiras, à procura de rostos familiares, quando entramos na praça pavimentada à

beira-mar. Parecem todos iguais, mesmo nos seus diversos uniformes. De caras sujas, sangrando de ambas as cores, exaustos e a ponto de cair. Mas vivos.

As suas fileiras apartam-se para dar passagem ao transporte quando contornamos a água, rumando em direção ao centro da orla marítima e dos agora esmagados portões da ponte do forte. Ella e eu encostamo-nos à janela do lado direito, inclinando-nos para ver melhor. Do outro lado, Rafe faz o mesmo. Apenas Tyton permanece imóvel, de olhos fitos nas suas botas sujas.

— Os navios estão sob fogo cruzado — sopra Ella, apontando para os couraçados ainda na baía. — Olha, três contra um.

Mordo o lábio, confusa por um momento apenas. À distância, os monstros cinzentos pendem para um e outro lado na água, balançando com a força do seu pesado armamento. Com efeito, três deles parecem estar a disparar contra o quarto. Pergunto-me que lado terá vantagem. A nossa coligação — ou a de Maven. Barcos mais pequenos aventuram-se nas águas picadas, carregando soldados em direção aos couraçados.

O transporte mal se detém antes que as minhas botas pisem o pavimento molhado, cada passo perigosamente escorregadio. Mantenho o equilíbrio, abrindo caminho através da multidão de soldados. Os outros eletrições seguem-me. Logramos chegar ao aglomerado de oficiais junto à linha de água, vigiando os barcos que se movimentam através da baía. À distância, o quarto couraçado cavalga as ondas, inclinando-se para trás e para diante sob a força do bombardeamento. Mal lhe deito um olhar de relance, à caça de rostos familiares entre os soldados. Vejo Farley primeiro, o seu cabelo dourado brilhando contra o cinzento da batalha. Um par de binóculos pende-lhe do pescoço, esquecido por um momento. Ela grita ordens sem parar, gesticulando entre os seus oficiais. Não parece reparar nos homens que empilham engradados, construindo uma magra muralha para proteger a sua general. Parte da tensão no meu peito liberta-se, e respiro um pouco mais facilmente.

Julian também aqui está, para meu alívio. Ele e a Rainha Anabel estão por perto, ambos mesmerizados pelos couraçados na baía. Não desviam os olhos, e Anabel agarra-se ao braço de Julian, os nós dos seus dedos brancos contra a manga dele.

A visão perturba-me, mas não sei dizer porquê.

— Onde precisam de nós? — atalho, entrando no seu círculo o mais calmamente que posso.

Farley volta-se para mim, tartamudeando, e preparo-me para a inevitável repreensão. — O que estás tu a fazer aqui? — dardeja ela. — Passa-se alguma coisa de errado em New Town...

— New Town foi tomada — avança Ella, cruzando os braços ao meu lado.

Rafe assente. — Ponha-nos a trabalhar aqui, General.

— Acolá é a Iris Cygnet — rosna Farley, gesticulando para os navios. Depois hesita, de dentes arreganhados. Deixa-me desconfortável.

Pouso-lhe uma mão no braço. A rainha de Maven é formidável, mas não imbatível. — A Iris não me assusta. Farley, deixa-nos ajudar...

Ao largo na baía, uma explosão de chamas vermelhas corre a todo o comprimento do quarto navio, movendo-se de forma estranha. Uma gigantesca e desnaturada onda eleva-se ao seu encontro, rebentando por sobre o convés. Outra labareda de fogo irrompe, espiralando no ar à medida que mais línguas de água se retorcem e espirram. Movem-se em unísono, uma dança elemental que só pode ser obra de duas pessoas muito específicas.

O coração cai-me no peito, gelado de medo. E fúria.

O céu põe-se negro acima da baía, as nuvens reagrupando-se num instante. Clarões púrpura lampejam bem no fundo de mim, a compasso com o bater do meu coração.

— O que está ele a *fazer*? — rosno para ninguém, dando um passo direita à água. Algo se quebra dentro de mim. Qualquer objetivo que eu pudesse ter tido, todos os pensamentos da cidade, desaparecem num instante.

— Calma, Mare — oiço Ella dizer, tentando agarrar-me o braço, mas eu empurro-a. *Tenho de chegar àquele navio. Tenho de detê-lo.* — Não tens pontaria para ajudá-lo daqui! — berra ela, a sua voz desvanecendo-se. Eu sou mais rápida numa multidão, mais ágil. Não conseguem acompanhar-me.

Dirijo-me aos ziguezagues para a beira de água. O desespero ameaça engolir-me inteira. Cal está a combater uma *nymph*, uma poderosa *nymph*. A sua maior fraqueza. Isso aterroriza-me.

Barcos andam para trás e para diante através da baía, os vazios regressando a carregar mais soldados. Observo com os dentes de tal maneira cerrados que bem se podem estilhaçar. *Demasiado devagar.*

— Teletransportadores! — berro, desesperada e em vão. O som dos canhões praticamente abafa-me a voz — Teletransportadores! — grito de novo. Ninguém acorre.

Os barcos podem ser vagarosos, mas são a minha melhor hipótese. Tenho o pé num quando Farley me alcança, agarrando-me pelos ombros.

Praticamente arrasta-me para trás, as minhas botas chapinhando na água rasa das docas.

Afugento-a, retorcendo-me com movimentos que há muito aprendi nas vielas das Stilts. Ela cambaleia mas aguenta-se, de mãos estendidas. O seu rosto faz-se escarlate.

— Põe-me naquele navio, Farley. — A minha voz treme de fúria. Sinto-me a ponto de explodir. — Não te estou a pedir permissão.

— Tudo bem — concede ela, os seus olhos arregalados com um medo bem seu. — Tudo bem...

Um clarão ao largo na água imobiliza-nos a ambas, e as palavras de Farley morrem-lhe nos lábios. Observamos em silêncio aturdido uma sucessão de cargas explosivas cair a pique sobre o navio de Iris, balançando a embarcação. Ondas elevam-se a estabilizá-la, a par das explosões que alastram, vermelhas e zangadas, cada qual um inferno direito ao céu. O fumo ondula, negro e fedorento, quando outra vaga encosta ao navio. Soldados tombam do convés, caindo de chapão na baía lá em baixo. Desta distância, não consigo distinguir-lhes os uniformes. Vermelhos, verdes ou azuis, não sei dizer.

Mas a armadura dele lampeja luminosa contra o fogo, inescapável.

Sem pensar, arranco os binóculos do pescoço de Farley e encosto-os aos olhos.

Sinto-me petrificar com o que vejo, enraizada, incapaz de me mexer.

Iris esquiva-se a uma bola de fogo, afundando-se num movimento fluido, mais rápida do que Tiberias alguma vez foi. Dança para fora do seu alcance, rodopiando mesmo com o navio debaixo deles movendo-se, galgando as vagas direito à boca da baía e ao oceano aberto. O valente e estúpido Calore persegue-a.

Outra vaga atinge-o de frente, abatendo-se azul e branca com toda a força do poder de Iris Cygnet. O coração para-me no peito quando o imagino esmagado contra o navio de metal, afogando-se ante os meus olhos.

Ele cai, a sua armadura partida, estilhaçada pela batalha, a sua capa escarlate rasgada em pedaços. Para um homem assim tão grande, Tiberias faz um diminuto chapão.

Vejo estrelas, a visão enevoada de toda a emoção que me sobrecarrega o cérebro. Tudo se afunila, afilado de negro, até que não consigo ouvir a multidão à minha volta. Até a voz de Farley se desvanece, as suas ordens ladradas dissipando-se. Quero gritar mas dou com os dentes soldados uns aos outros. Se me mover, se falar, toda a minha contenção desaparecerá

também. Os relâmpagos não terão misericórdia. Tudo o que posso fazer é olhar, especada, e rezar a quem quer que seja que esteja à escuta.

Umhas mãos cálidas agarram-me os ombros quando os eletrícões me rodeiam, suficientemente perto para reagir se eu perder o controlo. Azul, verde, branco. Ella, Rafe, Tyton.

Cal, Cal, Cal.

Sobrevive.

Nada importa senão a água, vagas azuis e brancas espumosas de batalha. A maior parte dos soldados que caíram dos navios estão vivos ainda, subindo e descendo. *Mas eles não usam armadura. Não têm terror da água. Não enfrentaram Iris Cygnet e perderam.* O fulgor do sol torna impossível ver grande coisa, mas forço a vista seja como for, até já não aguentar mais. Até não conseguir abrir os olhos. Os binóculos caem-me das mãos e estatelam-se.

O caos à beira de água aumenta, até cada soldado se postar à espera, sem fôlego a ver o destino do príncipe Calore. Quando todos arquejam em uníssonos, forço-me a abrir os olhos e viro-me. As mãos de Tyton que me agarram parecem um torno, os seus dedos pressionando-me o pescoço. Ele derrubar-me-á se tiver de fazê-lo, para proteger os demais do meu desgosto.

Não sei quem arrastou Tiberias para fora de água, ou que teletransportador o trouxe para terra. Não olho para a curadora que se curva, aterrORIZADA, tentando salvar-lhe a vida. Não quero saber de Iris, ainda ao largo na baía, tratando de fugir. Apenas posso olhar para ele, embora nunca mais queira vê-lo assim. Cada segundo que passa é uma ruína. Fui alvejada; fui apunhalada; fui esvaziada. Isto é mil vezes pior.

A pele Prateada é uma cor mais fria que a nossa, como que esvaída de calor. Mas nunca vi um Prateado com o aspeto dele. Os seus lábios estão azuis, as faces como a luz do luar, cada centímetro dele ensopado ou a sangrar. Os seus olhos estão fechados. Não está a respirar. Tiberias parece um cadáver. Bem pode *ser* um cadáver.

O tempo prolonga-se. Vivo neste amaldiçoado segundo, encurrallada, condenada a ver pequenos pedaços da sua vida a esvaírem-se. Kilorn sobreviveu em New Town. Irei eu perder Tiberias em Harbor Bay?

A curadora espalma-lhe as mãos no peito, o suor perlando-lhe a frente. Rezo a qualquer deus que possa existir.

Depois imploro.

Um esguicho de água sai-lhe da boca quando tosse violentamente, os seus olhos abrindo-se de chofre ao mesmo tempo. Quase colapso, e apenas

os eletrícões me mantêm de pé contra a súbita correria. Arquejando, tapo a boca com a mão para abafar o som, só para sentir lágrimas em ambas as faces.

A multidão de gente à sua volta irrompe, Anabel avançando para se ajoelhar a seu lado. Julian está lá também. Murmuram sobre o seu menino, acariciando-lhe o cabelo, rogando-lhe que fique quieto enquanto a curadora continua o seu trabalho.

Ele assente debilmente, situando-se ainda.

Viro costas antes que ele me veja e se aperceba até que ponto quero ficar.

A Colina do Oceano era um favorito de Coriane, a rainha morta que eu nunca conheci. É um favorito do seu filho também.

O palácio é de pedra branca polida com telhados abobadados azuis coroados de flamas prateadas, ainda magnificente mesmo através do rasto de fumo e das cinzas que caem. Circundamos a praça diante dos portões do palácio, usualmente uma confusão de trânsito. A única atividade parece situar-se no vizinho Centro de Segurança, agora invadido por soldados da coligação. Quando passamos, eles rasgam as bandeiras vermelhas, negras e prateadas, bem como as imagens suspensas de Maven Calore. Um a um, pegam fogo aos símbolos. Vejo o seu rosto arder, os olhos azuis pregados nos meus por entre um devorador emaranhado de chamas vermelhas.

As ruas em si estão vazias, e a fonte de que me recordo, linda sob uma cúpula de cristal, está seca. A guerra percorre as pedras de Harbor Bay.

Os portões do palácio já estão abertos, escancarando-se para Farley e para mim. Estivemos aqui antes, como intrusas. Fugitivas. Não hoje.

Quando o transporte abranda, Farley apeia-se rapidamente, acenando-me para que a siga. Mas eu hesito, ainda assombrada pelos acontecimentos da manhã. Apenas passaram umas horas desde que vi Tiberias quase morrer. Não consigo tirar a visão da cabeça.

— Mare — incita ela, em voz baixa. É quanto basta para me fazer passar à ação.

As portas azuis-celeste do palácio abrem-se sobre gonzos silenciosos, revelando dois membros da Guarda Escarlate de vigilância. Os seus lenços esfarrapados são luminosos como rubis, irremediavelmente deslocados, e um penetrante e inconfundível sinal.

Retornámos aqui como conquistadores.

A Colina do Oceano ainda fede a desuso e abandono. Não me parece que Maven alguma vez aqui tenha entrado desde que se tornou rei. Os esbatidos dourados de Coriane pendem das paredes e do teto abobadado. Permanece um túmulo a uma rainha esquecida, vazio de tudo que não a sua memória e talvez até o seu fantasma.

Vejo uma singular reversão enquanto ando, reparando nos rostos à minha volta. Uns quantos Vermelhos da Guarda Escarlata mantêm vigilância, as suas armas ostensivamente exibidas, mas na sua maioria parecem não ter propósito. Recuperando no seguimento da batalha, dormitando contra opulentas colunas ou preguiçosamente explorando os muitos salões e câmaras que se abrem a partir da galeria central. São os Prateados que se afadigam com trabalho mais servil, provavelmente às ordens de Anabel. Têm de preparar a nova sede de Tiberias, o seu palácio, para o assinalar como legítimo governante e rei. Abrem janelas, descobrem a mobília, até limpam o pó a ombreiras de portas e estátuas. Pestanejo à visão, subjugada. *Prateados fazendo trabalho doméstico. Quem diria.* Os serviçais Vermelhos devem ter fugido, e os Vermelhos que ainda aqui estão certamente não o farão por eles.

Não reconheço ninguém de passagem. Nada de Julian. Nem mesmo Anabel supervisionando os seus juramentados soldados a preparar o palácio. Inquieta-me, pois só há outro lugar onde eles poderão estar. E claramente terão de lá estar.

Quase corro disparada quando Evangeline me apanha, saltando ao virar de uma esquina. A sua armadura desapareceu, descartada por roupas de baixo mais leves. Se é que a batalha foi difícil para ela, certamente não dá ar disso. Enquanto toda a gente está suja, se não ainda ensanguentada, Evangeline Samos parece fresca de um banho frio.

— Sai do meu caminho — é tudo o que logro dizer, tentando contorná-la. Farley estaca, de olhar fulgurante.

— Deixe-a passar, Samos — rosna.

Evangeline ignora-a. Em vez disso agarra-me os ombros, forçando-me a olhá-la nos olhos. Resisto ao familiar ímpeto de atirá-la ao chão e em vez disso deixo-a olhar. Para minha surpresa, ela vasculha-me toda, os olhos tardando nos meus muitos golpes e contusões.

— Devias ver um curador primeiro; temos muitos — diz. — Estás com um aspeto horrível.

— Evangeline...

Ela eriça-se. — Ele está fino. Prometo-te isso.

Os meus olhos dardejaram para os dela. — Eu sei disso — sibilo. — Vi-o com os meus próprios olhos. — Mesmo assim, cerro os dentes à memória, demasiado fresca e ainda demasiado dolorosa.

Ele está vivo; sobreviveu-lhe, à princesa nymph, recordo a mim própria. À mortal rainha do seu irmão. Podia torcer-lhe o pescoço por fazê-lo, desafiar uma nymph no meio da Baía. Já vi Tiberias Calore empancar à ideia de atravessar um córrego a nado. Ele odeia água, teme-a como a nenhuma outra coisa. É a pior e mais fácil maneira de ele morrer.

Evangeline morde o lábio, olhando para mim. Algo lhe agrada no que vê. Quando fala de novo, a sua voz está mudada, suavizada. Um sussurro leve como uma pena. — Não posso esquecê-lo. Como se afundou como uma pedra, com armadura e tudo — diz, acercando-se o suficiente para me falar ao ouvido. As palavras redemoinham à minha volta, fazendo-me formigar a pele. — Quanto tempo passou até os curadores o porem a respirar de novo?

Cerro os olhos com força, tentando não me recordar. *Eu sei o que estás a fazer, Evangeline. E está a resultar.* Tiberias, pálido e morto, o seu corpo encharcado. Lábios apartados, olhos abertos e vazios. Sem ver. O corpo de Shade estava igual, e assombra-me ainda. Quando abro os olhos de novo, o cadáver de Tiberias ainda lá está, pairando-me na mente. Não consigo afugentar a visão.

— *Chega* — diz Farley, interpondo-se fisicamente entre nós. Praticamente arrasta-me, enquanto Evangeline sorri maliciosamente.

Vem atrás de nós, cutucando-me na direção certa como se eu fosse uma vaca a ser levada ao pasto. Ou ao abate.

Não conheço a Colina do Oceano, mas conheço palácios suficientemente bem para saber o que procuro. Subimos uma espalhafatosa e serpenteante escadaria para as residências, um piso pontuado de câmaras e apartamentos reais. Aqui em cima, longe dos pisos mais públicos, o pó é pior que nunca. Eleva-se em nuvens da tapete. As cores de Coriane estão por todo o lado. Dourado e amarelo, pálidos e desbotados. Esquecidos em todo o lado menos aqui. Pergunto-me se trarão dor ao seu filho. O seu filho que quase se lhe juntou na morte.

Os aposentos do rei são vastos, abrindo a partir de uma entrada guardada perfilada de soldados Lerolan. Partilham as cores de Anabel e a sua tez. Cabelo negro e olhos de bronze. Os olhos de Tiberias. Ninguém nos detém ao passarmos, entrando na sala rebaixada que agora serve de câmara de receção. Apinhada de gente.

Vejo Julian primeiro, de costas para as janelas em arco que dão para a agora faiscante Baía. Refulgindo azul ao sol da tarde. Ele vira o rosto para mim, as feições contraindo-se-lhe numa expressão que não sei definir. Sara Skonos está a seu lado, em postura violentamente ereta, com as mãos engalfinhadas diante de si. Embora tenha as mãos limpas, as mangas do seu simples uniforme estão incrustadas até aos cotovelos de sangue vermelho e prateado. Estremeço ao vê-lo. Ela não dá por mim a princípio, focada no homem descomunal no centro da sala. Ele cai de joelhos.

Farley senta-se silenciosamente, ajeitando-se entre um par de tenentes da Guarda Escarlata. Acena-me para que me junte a ela, mas eu permaneço onde estou. Prefiro as orlas desta particular multidão.

Nunca conheci oficialmente o senhor governante da Casa Rhambos, mas reconheço o seu arcaboço, mesmo ajoelhado. As suas vestes são inconfundíveis, resplandecentes nos seus tons ricos de chocolate e carmesim, orladas de pedras preciosas. Ele é o seu chefe, e o governador instituído desta cidade e região. O seu cabelo é de um louro sujo a desbotar para o grisalho, preso atrás no que já foram intrincadas tranças. Estão meio desfeitas, quer da batalha quer do grande senhor puxar por elas em desespero. Suponho que uma e outra coisa.

Os Prateados não estão acostumados a render-se.

Exalo, e forço-me a levantar os olhos dos ombros de Rhambos para o verdadeiro rei postado acima dele. De espada na mão. A sua visão apaga o cadáver da minha mente.

Os seus dedos seguram firmes, sem fraquejar, o punho adornado da lâmina cerimonial. De onde veio ela, não sei. Não é a espada com que Elara o fez matar o pai, mas é praticamente igual. E estou certa de que ele a recorda agora, postado que está acima de outro homem que implora pela vida. Deve ser-lhe penoso fazer isto a outra pessoa. E por sua própria volição desta vez.

Tiberias parece mais pálido do que de costume, as faces esvaídas de cor. Se de vergonha ou medo, não sei dizer. Porventura exaustão. Ou dor. Apesar disso, é todo ele bem um rei. A armadura limpa, a coroa posta. As linhas angulares do seu maxilar e malares parecem mais pronunciadas de alguma forma, aguçadas pelo repentino peso sobre os seus ombros. É uma máscara, tudo isso. Um bravo rosto que ele deve apresentar. A sua outra mão está vazia, os dedos nus sem flama. Fogo algum que não o que lhe arde nos olhos.

— A cidade é sua — diz Rhambos, de cabeça baixa e mãos erguidas.

A Rainha Anabel acerca-se do ombro do neto, os dedos recurvados como garras. É capaz de ser a única pessoa no mundo com ar régio sem os seus atavios. — Dirija-se-lhe apropriadamente, Senhor Rhambos.

Ele aquiesce rapidamente, mais se vergando, quase depondo os lábios na tapete que reveste o chão. — Vossa Majestade, Rei Tiberias — concede sem hesitação. Abre as mãos em declarada fé. — A cidade de Harbor Bay, e toda a região do Farol, é legitimamente vossa. Restituída ao verdadeiro rei de Norta.

Tiberias olha do alto do seu nariz direito, virando a espada. A lâmina capta a luz. O nobre encolhe-se, fechando os olhos ante o súbito clarão. — E quanto à Casa Rhambos? — pergunta.

A meu lado, Evangeline bufa atrás da mão. — Que atuação.

— Somos vossos também, ao vosso dispor — murmura o senhor, com a voz alquebrada. Sabe-o bem, Tiberias poderia executar a sua família inteira. Arrancá-los pela raiz. Exterminar o seu nome e sangue da face da Terra. Reis Prateados já fizeram pior por menos. — Os nossos soldados, o nosso dinheiro, os nossos recursos estão ao vosso dispor — acrescenta, enumerando tudo o que a sua casa pode dar. Tudo o que a sua casa *viva* pode dar.

O silêncio prolonga-se ligeiramente, tenso como um arame retesado. Ameaçando partir-se. Tiberias examina o Senhor Rhambos sem pestanejar, sem sentimento, o seu rosto inexpressivo e indecifrável. Depois esboça um sorriso. Que derrama calor e compreensão. Não sei dizer se é real.

— Agradeço-lhe por isso — diz, inclinando a cabeça um tudo-nada. Abaixo dele, o Senhor Rhambos praticamente treme de alívio. — Tal como agradecerei a cada membro da sua casa quando eles seguirem o seu exemplo e me fizerem um juramento de lealdade. Renunciando ao falso rei que se senta no trono do meu pai.

Ao seu lado, Anabel abre-se num sorriso. Se é que o treinou, fê-lo bem.

— Sim-sim, claro — gagueja Rhambos. Quase se roja em concordância. Reparo que Tiberias recolhe os pés, não vá o senhor caído tentar beijá-los. — Isso será providenciado o mais rapidamente possível. A nossa força é vossa.

O rosto de Tiberias contrai-se. — O mais tardar amanhã, meu senhor. — Não deixando espaço para contestação.

— O mais tardar amanhã, Vossa Majestade — replica Rhambos, dando à cabeça. Ainda de joelhos, cerra ambos os punhos carnudos. — Salve Tiberias Sétimo, Rei de Norta e verdadeira Flama do Norte! — grita, a sua voz mais forte a cada segundo que passa.

A multidão de conselheiros e soldados, tanto Prateados como Vermelhos, responde em uníssono, repetindo os detestáveis títulos. Uma ligeira cor retorna às faces de Tiberias quando ele se ruboriza. Os seus olhos dardejaram para um e outro lado, tentando reparar em quem grita o seu nome e em quem não o faz. Os seus olhos pousam em mim e nos meus lábios imóveis. Sustenho-lhe o olhar, sentindo um frémito ao manter a boca resolutamente fechada.

Farley fá-lo também, examinando as unhas em lugar do aparato que se desenrola.

Anabel deleita-se, uma mão sobre o ombro do neto. A sua mão esquerda disposta de modo a ostentar um antigo anel de casamento embutido com uma pedra preciosa negra. A única joia que usa, e a única de que alguma vez precisará.

— Salve — murmura ela, os olhos brilhantes levantados para Tiberias. A um tremor no rosto dele, ela age de imediato, pondo-se à sua frente. Entrelaça as suas mãos letais, o anel ainda em exibição. — O rei agradece-vos a vossa lealdade, tal como eu. Temos muito a discutir nas próximas horas.

O que equivale a uma despedida. Tiberias vira-se, de costas para a sala, e constato a admissão que o gesto é. Está cansado. Está ferido. Porventura não em corpo, mas algures mais fundo, onde ninguém pode ver. O firmar rígido dos seus ombros, a sua postura familiar, descai sob as ombreiras coraçadas cor de rubi da sua armadura. Libertando algum peso. Ou cedendo a ele.

De alguma forma, todos os pensamentos do seu cadáver voltam de supetão. O pavor acumula-se em mim, ameaçando encher-me e arrastar-me consigo.

Dou um passo em frente, com intenção de ficar, mas a multidão atua contra mim. Tal como Evangeline. Toma-me o braço, as suas garras decorativas ainda postas e cravando-se-me na carne macia. Cerro os dentes, deixando que ela me conduza para fora dos aposentos dele, não querendo causar alvoroço ou fazer uma cena. Julian passa por nós de sobrolho erguido, surpreendido de nos ver em tão íntima confiança. Tento comunicar com os olhos. Tento pedir ajuda ou orientação. Mas ele retira-se antes de saber o que eu quero. Ou simplesmente não quer dá-la.

Passamos pelos guardas de novo, os Lerolan parecendo Sentinelas nas suas cores vermelha e laranja. Talvez fosse daí que as vestes surgiram. Olho para trás, por sobre as cabeças de senhores Prateados e oficiais Vermelhos.

O cabelo louro de Farley reluz algures, com Ptolemus Samos mantendo-se a distância segura dela. Vejo Anabel, vigilante como um falcão. Planta-se diante da porta da câmara de dormir de Tiberias. Ele desliza para além dela, para fora de vista, sem sequer um olhar de relance para trás.

— Não discutas — sibila-me Evangeline ao ouvido.

Instintivamente, abro a boca para fazer exatamente isso. Mas contendo-me enquanto ela me arrasta para o lado, para longe da multidão e por um corredor dentro.

Embora estejamos tão seguras quanto possível dadas as circunstâncias, o coração bate-me entrecortadamente no peito. — Tu própria o disseste, enfiar-nos num roupeiro e trancares a porta não resultaria.

— Eu não vou trancar ninguém em sítio nenhum — sussurra ela. — Apenas te vou mostrar a porta.

Dobramos esquina atrás de esquina, tomando as escadas de serviço e passagens de serviçais por demais lentamente e por demais rapidamente para o meu gosto. A minha bússola interna gira, e acho que estamos quase onde começámos quando ela estaca numa passagem difusamente iluminada, quase demasiado estreita para cabermos nela.

Com uma sensação de mal-estar, penso no meu brinco. Aquele que não estou a usar. Uma pedra vermelha-sangue, guardada numa caixa em Montfort, escondida do mundo.

À minha direita, Evangeline encosta a mão a uma porta antiga, enferrujada por falta de uso. As dobradiças e a fechadura puseram-se vermelhas-escuras, descascando como sangue seco. Com um jeito de dedos, o metal gira, derramando ferrugem como gotículas de água.

— Isto levar-te-á...

— Eu sei onde me levará — replico, quase depressa demais. Sinto-me subitamente como se tivesse corrido uma milha.

O sorriso rasgado dela deixa-me nervosa, e quase me faz dar meia-volta. Quase.

— Muito bem — diz ela, dando um passo atrás. A sua mão varre o ar, apontando para a porta como se fosse um presente inestimável. Em vez da patente manipulação que é. — Faz o que quiseres, rapariga-relâmpago. Vai onde te aprouver. Ninguém te deterá.

Não tenho qualquer resposta esperta para lhe dar. Tudo o que posso fazer é vê-la escapular-se, desejosa de se livrar de mim. Elane deve vir a caminho da cidade para ajudar a celebrar esta vitória. Dou comigo a invejá-las. Estão do mesmo lado, pelo menos, aliadas apesar de todas as

impossibilidades que enfrentam. Ambas Prateadas, ambas criadas como nobres. Conhecem-se mutuamente de uma forma que a Tiberias e a mim jamais seria possível. São a mesma coisa, iguais. Ele e eu não somos.

Deveria dar meia-volta.

Mas já estou a transpor a porta, avançando pela semiobscuridade de uma passagem esquecida, as pontas dos meus dedos roçando a pedra fria. Uma luz escoá-se lá adiante, mais próxima do que eu a julgaria. Delineando outra porta.

Dá meia-volta.

As minhas mãos espalmam-se contra a madeira, macia, finamente esculpida. Delineio os painéis por um momento, nervosa. Sei onde este caminho conduz, e quem espera do outro lado. Soam passos dentro do quarto, sobressaltando-me ao passarem. Depois uma cadeira range quando um corpo pesado se senta. Dois baques anunciam as suas botas atiradas a pontapé para cima de uma secretária ou mesa. E depois um longo, demorado suspiro. Não do tipo satisfeito. Pleno de frustração. Pleno de dor.

Dá meia-volta.

A maçaneta move-se na minha mão, como se de sua própria volição, e saio pestanejando para a luz suave da tarde. A câmara de dormir de Tiberias aqui é grande e arejada, com tetos abobadados pintados de azul e branco, quase como nuvens. As janelas dão para a Baía e para um dia mais ensolarado do que deveria ser. A brisa do oceano sopra os últimos vestígios de fumo para longe.

Ao que parece o rei está a fazer o possível por encher o lugar com a sua barafunda do costume, apesar de só aqui estar há umas horas. Está sentado a uma secretária arrastada a esmo para o centro do quarto, na diagonal relativamente a uma cama para a qual me recuso a lançar sequer um olhar de relance. Papéis e livros empilham-se em torno dele. Um em particular jaz aberto, o texto no seu interior manuscrito numa letra apertada e entrelaçada.

Quando finalmente arranjo coragem para olhar para ele, Tiberias já está de pé. Tem um punho erguido e flamejante, todo o seu corpo tenso como uma cobra, pronto a saltar.

Os seus olhos vagueiam por mim, a mão ainda em chamas mesmo não sendo eu uma ameaça. Após um longo momento, ele dissipa o fogo, deixando-o tremeluzir e morrer.

— Chegaste aqui a correr — diz Tiberias da boca para fora, quase sem fôlego.

O que nos apanha desprevenidos, e ele desvia os olhos, reclinando-se na sua cadeira de secretária. Vira-se de costas para mim e fecha rapidamente o livro com uma mão. Cospe pó. A capa está gasta, de um dourado desbotado, sem qualquer escrito nela e a lombada partida. Ele empurra-o para o lado, enfiando-o numa gaveta com pouca consideração.

Depois finge ocupar-se com alguns relatórios. Dobra-se mesmo sobre eles com uma atenção mais que forçada. Sorrio desdenhosa para mim própria e dou um passo direita a ele.

Dá meia-volta.

Outro passo quarto dentro. O ar parece vibrar na minha pele.

— Depois de... — Tropeço. Não há maneira fácil de dizê-lo. — *Depois*, tive de ver por mim própria — replico, vendo o canto da boca dele erguer-se. Os seus olhos não se movem, queimando um buraco na página diante dele.

— E?

Encolhendo os ombros, pouso as mãos nas ancas. — Estás fino. Não deveria ter-me preocupado.

À secretária, ele solta uma áspera mas genuína gargalhada. Tiberias recosta-se, passando um braço por sobre a cadeira, torcendo-se para me olhar bem. À luz do dia, os seus olhos de bronze reluzem como metal fundido. Percorrem-me toda, detendo-se nos golpes e contusões expostos. Os seus olhos parecem dedos. — E tu? — pergunta, em voz mais baixa.

Hesito ligeiramente. Os meus próprios ferimentos parecem pequenos comparados com o que ele sofreu, e com a memória de Kilorn sufocando no seu próprio sangue. — Nada que não possa ser consertado.

Ele franze os lábios. — Não foi isso que eu perguntei.

— Nada que se compare, quero eu dizer — digo-lhe, dando a volta para a frente da secretária. Ele move-se comigo, seguindo-me como um caçador. Uma sensação semelhante a uma dança ou perseguição. — Nem todos podemos dizer que quase morremos hoje.

— Oh, isso — resmunga baixinho, e passa a mão pelo cabelo. Os caracóis curtos mantêm-se de pé, desalinhando uma de contrário régia aparência. — Correu tudo conforme o plano.

Faço uma carranca, arreganhando os dentes. — Engraçado, não me lembro de que lutar contra uma *nymph* assassina no meio do oceano fizesse parte do *plano*.

Ele ajeita-se na cadeira, desconfortável. Lentamente, começa a despir a armadura, revelando a camisola fina e justa e a forma bem enxuta por

baixo. É um desafio, mas mantenho-me firme. Cada peça cai no chão com um ressonante chocalhar. — Precisávamos dos navios. Precisávamos da baía.

Continuo a descrever círculos, e ele continua a lançar fora pedaços de armadura. Arranca as manoplas com os dentes, sem despregar os olhos de mim.

— E nós precisávamos que te fosses bater corpo a corpo com ela? Quem tinha *vantagem* ali, Tiberias?

O rei esboça um sorriso malicioso contra aço vermelho.

— Ainda estou vivo.

— Isso não tem graça. — Algo se contrai no meu peito. Passo um dedo pelo rebordo adornado da secretária, varrendo a superfície empoeirada. A minha pele sai de lá cinzenta, sugada pelo calor. Tal como quando me mascarava de Prateada, sofrendo sob uma camada de maquilhagem só para simplesmente respirar. — Quase perdemos o Kilorn hoje.

O sorriso malicioso de Tiberias desaparece instantaneamente, apagado, e ele esquece-se da armadura por um momento. Os seus olhos toldam-se de escuridão, o brilho tornado baço. — Julguei que New Town tivesse caído facilmente. Eles não contavam... — Contém-se, cerrando os dentes. Desvio os olhos quando o seu olhar pousa em mim. Não quero ver a sua piedade. — O que aconteceu?

Sinto a respiração entrecortada na garganta. Parece-me demasiado próximo para ser revivido, o perigo ainda por perto. — Guardas Prateados — balbucio. — Um *telky*. Atirou-o pelo poço de uma escada abaixo. Rasgou-lhe as entranhas. — As palavras faltam-me à medida que a memória se instala. O meu amigo mais antigo, a sua pele empalidecendo, morrendo mais depressa de segundo para segundo. Sangue vermelho no seu queixo, no seu peito, nas suas roupas. Cobrindo-me as mãos.

O rei nada diz, sustendo a língua. Com uma grande força de vontade, olho de volta para o seu rosto e dou com ele a fitar-me, de olhos arregalados, lábios comprimidos numa linha sombria e fina. A preocupação está claramente escrita nele, no seu sobrolho franzido e maxilar contraído.

Forço-me a mover-me de novo, o meu caminho levando-me ao ponto de partida. Mais perto da sua cadeira, dentro do seu círculo de familiar calor.

— Levámo-lo a um curador a tempo — digo em andamento. — Ficará bem, tal como tu.

Quando passo atrás dele, reprimo a ânsia de lhe tocar nos ombros.

De pôr uma mão de cada lado do seu pescoço e inclinar-me para a frente, apoiando-me nele. Deixar que ele me sustenha. Agora, mais do que nunca, é difícil resistir à necessidade de deixar ir e descansar, de permitir que alguém mais carregue os meus fardos.

— Mas estás aqui comigo — sussurra ele tão baixinho que quase não o percebo.

Em vez disso as palavras perduram, fumo entre nós.

Não tenho resposta para ele. Resposta alguma que esteja disposta a dar ou admitir. A vergonha não me é desconhecida. Certamente sinto-a agora, aqui postada na sua câmara de dormir, com Kilorn a recuperar a quilómetros de distância. Kilorn, que cá não estaria se não fosse eu.

— Não é culpa tua — insiste Tiberias. Conhece-me suficientemente bem para adivinhar os meus pensamentos. — O que lhe acontece não está sobre os teus ombros. Ele faz as suas próprias escolhas. E sem ti, o que fizeste por ele... — A sua voz arrasta-se. — Sabes onde ele teria acabado.

Recrutado. Condenado a uma trincheira, ou a um quartel. Provavelmente morto nos estertores finais da Guerra das Lakelands. Outro nome numa lista, outro Vermelho perdido contra a ganância Prateada. Outra pessoa esquecida. *Devido a gente como tu*, penso, forçando uma respiração profunda. O quarto cheira a ar salgado, fresco das janelas abertas.

Tento retirar algum conforto do que ele diz. Mas não consigo. Não desculpa nada do que eu fiz, ou do que Kilorn se tornou por minha causa.

Embora suponha que todos tenhamos mudado desde o ano passado. Desde esse dia em que o seu mestre morreu e ele se postou na escuridão sob a minha casa, tentando não chorar a sua vida que lhe era arrancada. Engulo em seco, recordando o que disse. *Deixa tudo comigo*.

Pergunto-me se mudámos para o que era suposto transformarmo-nos, ou se essas pessoas se foram para sempre. Calculo que só Jon saberia, e o vidente há muito que se foi, muito longe do nosso alcance.

Aclarando a garganta, mudo de assunto com pouco tato. — Ouvi dizer que há uma frota Lakelander no horizonte. — Viro-me de costas para ele, voltando-me de frente para a porta exterior, a que conduz à sua sala de receção. Podia sair por ela fora agora mesmo se quisesse. Ele não me deteria.

Apenas me detenho a mim própria a cada alento.

— Ouvi dizer isso também — replica Tiberias. Depois a sua voz baixa, mais profunda. Vacila de medo. — Lembro-me de escuridão. Vazio. Nada.

Relutantemente, olho por sobre o ombro e vejo-o pôr-se em pé, despindo o resto da armadura. Evitando o meu olhar. Ainda alto, ainda

espadaúdo, mas menos sem o peso do aço desgastado pela batalha. Com ar mais jovem também, vinte anos apenas. No limiar da idade adulta, partes dele ainda agarradas à juventude. Apegando-se a algo que desaparece, tal como todos nós.

— Caí dentro de água e não conseguia vir à tona. — Dá um pontapé no monte de aço caído no chão. — Não conseguia nadar, não conseguia respirar, não conseguia pensar.

Sinto que não consigo respirar também.

Tiberias estremece enquanto eu olho, um tremor que lhe começa nos dedos das mãos. O seu medo é aterrorizador. Depois força-se a olhar de volta para mim. Com os pés plantados e as mãos fincadas nos quadris, está enraizado. O rei não se moverá a menos que eu o faça. Vai fazer-me render primeiro. É o que qualquer bom soldado faria. Ou está simplesmente a deixar-me escolher. A deixar-me decidir por nós dois. Provavelmente pensa que é a única coisa honorável a fazer.

— Pensei em ti antes do fim — diz. — Vi o teu rosto na água.

E eu vejo o seu cadáver de novo, suspenso diante de mim, sarapintado pela luz cambiante de um mar revolto. À tona, à mercê de uma maré estrangeira.

Nenhum de nós se move.

— Não posso — digo mordente, olhando para todo o lado menos para o seu rosto.

Ele responde rapidamente, com força. — Nem eu.

— Mas também não posso...

Manter-me longe. Continuar nisto. A negar-nos a ambos ante a morte eternamente à espreita.

Tiberias deixa escapar um sopro sibilante.

— Nem eu.

Quando damos o passo em frente juntos, de direções opostas, rimo-nos ambos. O que quase quebra o feitiço. Mas continuamos a andar, iguais em movimento e intenção. Lentos e metódicos, avaliadores. Ele observa-me, eu observo-o, à medida que o espaço se fecha entre nós. Toco-lhe eu primeiro, espalmando-lhe a mão contra o coração a martelar. Ele inala lentamente, o seu peito elevando-se sob os meus dedos. Uma mão cálida desliza-me em torno das costas, bem espalmada na base da minha espinha. Sei que ele pode sentir as minhas antigas cicatrizes através da camisola, a pele nodosa familiar aos dois. Respondo curvando a minha outra mão na sua nuca, cravando suavemente as unhas nos cachos de cabelo negro.

— Isto não muda nada — digo eu contra a sua clavícula, uma linha firme contra a minha face.

Sinto a sua resposta na minha caixa torácica. — Não.

— Não estamos a tomar decisões diferentes.

Os seus braços cingem-se em torno de mim. — Não.

— Então o que é isto, Cal?

O nome tem um efeito em ambos. Ele estremece arrepiado, e eu chego-me mais, colada a ele. Dá a sensação de rendição, para um e outro, conquanto nada nos reste que capitular.

— Estamos a escolher não escolher.

— Isso não soa real.

— Porventura não seja.

Mas ele está errado. Não posso pensar em nada mais real do que senti-lo. O calor, o cheiro, o sabor. É a única coisa real no meu mundo.

— Esta é a última vez — sussurro antes de lhe cobrir a boca com a minha.

Ao longo das horas seguintes, digo-o tantas vezes que lhes perco a conta.